

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

HELOISA DA SILVA MELLO

**Memórias do povoado Campinhos: narrativas sobre a história da comunidade entre
1948 -2018**

Delmiro Gouveia
2020

HELOISA DA SILVA MELLO

**Memórias do povoado Campinhos: narrativas sobre a história da comunidade entre
1948 -2018**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em História.

Orientador: Dr. Pedro Abelardo de Santana

Delmiro Gouveia
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

M527m Mello, Heloísa da Silva

Memórias do povoado Campinhos: narrativas sobre as histórias da comunidade entre 1948-2018 / Heloísa da Silva Mello. – 2020. 39 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2020.

1. História – Alagoas. 2. História oral. 3. Sertão alagoano. 4. Povoado Campinhos – Pariconha - Alagoas. I. Título.

CDU: 981(813.5)

Folha de Aprovação

HELOISA DA SILVA MELLO

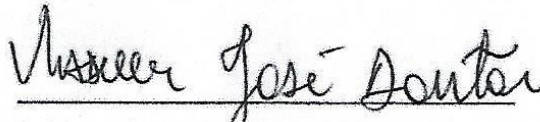
**Memórias do povoado Campinhos: narrativas sobre a história da comunidade entre
1948-2018**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
corpo docente do curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Alagoas,
Campus do Sertão e aprovado em 09 de julho
de 2020.



Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana, UFAL (Orientador)

Banca examinadora:



Prof. Me. Vladimir José Dantas, UFPE (Examinador)



Prof. Me. Gercinaldo de Moura Medeiros, UFAL (Examinador)

Dedico esse trabalho a toda população campinense, como uma forma de guardar a sua história e preservar suas memórias, a fim de que as lembranças do lugar não se percam. E que futuras gerações tenham o prazer de desfrutar dessas recordações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceber sabedoria e conhecimento para fazer este trabalho, sem ele não teria chegado até aqui.

Agradeço ao meu pai Mário de Mello por sempre me apoiar nesta caminhada, que sempre tirava um pouco do seu tempo para muitas vezes me levar à faculdade, sempre que preciso posso contar contigo, Obrigada Pai! Parte desse trabalho também pertence a você.

A minha mãe Maria José da Silva (In Memorial) que não está presente na minha vida a muitos anos, mais sei que onde quer que esteja sempre cuidou de mim, e do meu caminho na universidade, espero que esteja orgulhosa de mim.

Aos meus familiares que sempre torceram por mim nesse percurso, a minha tia Eusa Lima Alves, as minhas primas Airla Lima, Amanda Lima e as minhas irmãs Bruna Bezerra de Mello e Sophia Bezerra de Mello. E também ao meu cachorro Chico.

Meus avós Severina e Trajano. E Isabel Olinda de Melo e Américo Teixeira Lima (In Memorial).

A Edésio Lima e Maria Carmelia, por me proporcionar tanto conhecimento sobre este trabalho, por terem tirado um tempo para me passar suas lembranças e memórias, sem vocês eu não teria conseguido ter feito minhas pesquisas, muito desse trabalho é dedicado a vocês.

As minhas amigas de infância maravilhosas Carmelita Gomes, Camila Souza, Gabriela Lima, Ana Paula Santos, Mariana Lima, Daiana Alves.

Aos meus colegas de turma Elzita, Thais, Derllanio, Viviane e Silvia, que juntos passamos por vários perrengues e resenhas na universidade. E ao meu amigo Gustavo Pereira que me ajudou muito com esse trabalho.

Obrigado aos meus professores da UFAL, que me abarcaram com muito conhecimento, e ao meu orientador Pedro Abelardo.

RESUMO

Este trabalho busca apresentar histórias e memórias do povoado Campinhos e de alguns de seus habitantes. Buscaremos entender o conceito de memória e como ela está inserida na vida de cada pessoa. Abordando as memórias dos velhos com o intuito de resgatá-las, tornando-as vivas, mostrando como as lembranças dos velhos são importantes, pois, estes são os guardiões do passado. Trataremos especificamente das memórias de Edésio e Carmelia, interrogando sobre suas vivências, infância e família. Discutiremos sobre a região do sertão de Alagoas, analisando os conceitos da região e as diferenciações de sertão e a visão de alguns autores sobre a localidade, considerada uma região atrasada e rural. Apresentaremos a história do povoado Campinhos, seus primeiros habitantes, suas culturas e tradições.

Palavras-chave: Memória, região, sertão, Alagoas.

ABSTRACT

This work seeks to present stories and memories of the Campinhos village and some of its inhabitants. We will seek to understand the concept of memory and how it is inserted in each person's life. Approaching the memories of the old people with the intention of rescuing them, making them alive, showing how the memories of the old people are important, because these are the guardians of the past. We will deal specifically with the memories of Edésio and Carmelia, asking about their experiences, childhood and family. We will discuss the Northeast region, analyzing the concepts of the region and the differences between the Northeast and the sertão and the view of some authors about the locality, considered a backward and rural region. We will present the history of the Campinhos village, its first inhabitants, its cultures and traditions.

Keywords: Memory, region, hinterland, Alagoas.

Lista de Fotos

Foto 1: Edésio Lima com dezoito anos de idade.	17
Foto 2: Maria Carmélia da Silva Santos.....	20
Foto 3: Maria Carmélia na sua primeira comunhão.	21
Foto 4: Maria Carmelia e seu esposo Genú.	22
Foto 5: Povoado Campinhos – 2015.	26
Foto 6: Primeira casa do povoado Campinhos.	27
Foto 7: Andor da festividade Nossa Senhora das Dores – 2015.....	29
Foto 8: Vaqueiros reunidos em frente à igreja no povoado Campinhos.	30
Foto 9: terceira reforma da capela	31
Foto 10: Quarta reforma da capela atual	32
Foto 11: Igreja atual por dentro	32
Foto 12: Homens reunidos no Umbuzeiro.....	33
Foto 13: Reunião das mulheres na frente da casa de Eurides.....	34

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 Os guardiães da memória do povoado Campinhos	13
1.1 “Trago ainda na lembrança”: Memórias de Edésio Lima	15
1.2 “Jovem de espírito”: Lembranças de Maria Carmélia	18
2 Atrasado, rural e sem cultura, seria este o sertão?	23
2.1 Caracterização do sertão alagoano	24
2.2 História e cultura no povoado Campinhos	26
2.3 Manifestações culturais do povoado	28
3 Considerações finais	35
Referências	37
ANEXOS.....	39

Introdução

Campinhos, situado no sertão de Alagoas, município de Pariconha, é um povoado grande, sendo o maior do município. É uma região cheia de costumes, culturas e histórias, mas que possui poucos registros e estudos históricos. Através da oralidade pudemos saber sobre o povoado que, João Alves, seu filho Antoninho e seu cunhado Vicente, foram os primeiros habitantes. Não obtendo uma data correta para esses eventos, usamos as duas últimas décadas das memórias de Edésio Lima, nosso principal entrevistado, como marco temporal inicial.

Edésio Lima é um habitante do povoado e todos o consideram como uma figura importante por ter muitas memórias de seus antepassados e, hoje, servir de fonte para contar as histórias do povoado Campinhos. Muitas pessoas o procuram para realizar trabalhos escolares ou por curiosidade sobre as memórias da comunidade.

A questão que procurarei responder é quais as memórias sobre o povoado Campinhos podemos trazer a luz da história? Compreendemos que são raros os registros históricos sobre a comunidade, que só seria possível conhecê-la através da fonte oral. Seria importante para a comunidade ter a sua história por escrito, possibilitando assim que não seja perdida, seja fundamental para as próximas gerações, garantindo-lhes entender a história e práticas culturais do lugar em que moram.

Este trabalho tem o objetivo de coletar as memórias da comunidade e tratá-las como um registro histórico, compreendendo que as memórias dos velhos muito têm a nos transmitir, possibilitando que eles tenham um espaço dentro dessa história, valorizando o diálogo com os anciãos que muito nos ensinam sobre a comunidade. Na atualidade, as pessoas não estão dando importância a recordações dos mais velhos, mas neste trabalho elas são fundamentais.

Usamos a entrevista como principal meio de elaboração deste trabalho. Construímos um questionário com algumas perguntas e fomos até os nossos entrevistados para então entendermos as suas histórias, recordações de infância. Escolhemos os mais velhos porque são fontes orais que nos possibilitam ter maior acesso sobre o passado. Além da história oral, neste trabalho dispomos de materiais eletrônicos para realizar as entrevistas.

A relevância da pesquisa é mostrar a importância da história da comunidade e por que ela não pode se perder, podendo esse registro ser usado nas escolas, na igreja e com quem

queira estudar sobre o povoado. Este trabalho pretende ser o início de outros sobre a história de Campinhos.

Na primeira parte abordamos sobre as memórias dos velhos, tendo como principais sujeitos Edésio Lima e Maria Carmelia da Silva Santos, duas importantes figuras da comunidade. Buscamos as suas principais recordações. Edésio é cheio de conhecimento de sua comunidade, igreja e infância. Maria Carmelia teve um papel importante em sua vida, o de ensinar. Era professora e ajudava àqueles que queriam aprender. Ambos passaram por dificuldades em suas vidas, mais as superaram e hoje são inspiração para os mais jovens.

Na segunda parte tratamos de algumas discussões teóricas sobre o sertão, dando ênfase ao município de Pariconha e suas contribuições para o sertão, e como suas atribuições impactaram na vida do sertanejo como também foi importante para o Brasil. Um tópico fala sobre a história do povoado Campinhos, discorreremos sobre seus fundadores, suas atividades econômicas e a origem do nome Campinhos. Tratamos dos costumes e tradições do povoado. Finalmente, o último tópico discorre sobre as manifestações culturais do povoado que são importantes para a população, como as festas dos santos e a tradição da semana santa.

1 Os guardiães da memória do povoado Campinhos

Neste capítulo utilizaremos as reflexões teóricas sobre memória dos seguintes autores: Bosi (1996), Nora (1993), Chauí (2001), Pinto (1998), Halbwachs (1968). Em seguida, nos apoiaremos nas lembranças dos velhos de Campinhos para falar sobre suas trajetórias de vida, suas infâncias, seus pais, entre outros aspectos.

De acordo com o dicionário **Larousse cultural**, o conceito de memória se refere à faculdade de reter ideias e reutilizar sensações, impressões ou quaisquer informações adquiridas anteriormente; efeito da faculdade de lembrar; a própria lembrança. A memória é algo que está enraizado em cada pessoa. Aquilo que vivemos e sentimos se torna memória. Abordar a memória de um povo é como abrir um leque dentro da comunidade, isso possibilita que as pessoas penetrem nas suas mais profundas lembranças, e assim, reproduzam aquilo que vivenciaram ou aprenderam sobre tais memórias.

História e memória andam juntas, a memória é viva e guardiã do passado por ser conduzida por indivíduos vivos, e assim, sujeita a mudanças e em constante evolução. A história tem a função de reestruturar o que já não existe mais, enquanto que a memória é a junção com o presente, tornando a história mais viva por compor o passado.

A história necessita da memória para tecer seus moldes e fazer-se história. Essa reconstrução do passado possibilita que muitas histórias sejam contadas hoje. Segundo Nora, “A necessidade de memória, é uma necessidade da história” (1993, p. 14). Ou seja, ambas estão fixadas e se formam para assim descrever um determinado evento, momento e construir uma memória.

São dois elementos importantes para escrever histórias a partir de memórias. São diversas as ferramentas que são usadas como lembrança, por exemplo, fotografias, cartas, documentos escritos e a fonte oral. Esta é um instrumento muito rico para a construção de uma determinada história, possibilita que tenhamos um contato com quem nos oferece suas lembranças, permitindo que dialoguemos sobre recordações.

A nossa sociedade trata a memória dos velhos como esquecimento, não dando mais valor para aquilo que eles podem nos passar. Segundo Chauí,

“Porque temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado” (2001, p. 18).

É importante o resgate da memória para que a essência das recordações não seja perdida, para sempre ser renovada. As lembranças dos velhos apresentam seus antepassados, como maneira de sempre manter viva s vivências de pessoas que passaram por suas vidas, sua família, e deixou memórias. Essas lembranças são passadas de geração para geração, formam a memória e conta a história de determinada pessoa.

Abordar sobre memória é importante para não ocorrer esquecimento por parte dos indivíduos, isso devido a rápida transformação do ser humano levando ao desaparecimento da memória, por isso, se faz necessário que as memórias sejam guardadas e, no futuro, essas memórias sejam utilizadas para finalidade histórica.

A influência dos avós no meio familiar é muito importante, são eles os principais guardiões da memória familiar. Segundo Barros, “Esses avós, ao reconstruírem suas histórias de vida, reconstroem também a história do modelo familiar, através de caminhos já marcados por lembranças suas e de seus grupos familiar” (1989, p. 14). São os avós que vão delinear o estilo de cada família, ou seja, são responsáveis por transmitir os modos de vida de seu grupo familiar para que tradições ou culturas sejam preservadas por futuras gerações.

Buscar a memória de velhos é importante por serem pessoas que viveram em um tempo diferente do nosso, por isso, são fontes para mostrar como eram os eventos em suas épocas, como se vestiam, suas casas, suas culturas. Isso é importante para que se possa fazer uma comparação das épocas e mostrar como o modo de vida das sociedades muda no tempo. Segundo Pinto, “Face á ameaça do esquecimento, dada pela aceleração proporcionada pelo presente, cria-se uma espécie de obsessão pelo passado traduzida em obsessão pela memória” (1998, p. 209). Com a modernização acelerada da sociedade, a busca pela memória se torna um ato compulsivo para que as recordações não sejam perdidas e o passado seja sempre reconstruído a fim de que outras gerações tenham acesso ao que foi vivido e poderem reviver o passado no presente.

A lembrança é estimulada por elementos como fotografias, objetos, uma simples casa. São motivos de recordação das pessoas, as lembranças surgem e recordam as vivências. Esses elementos são importantes porque são uma forma de recuperar uma memória que não lembramos ou esquecemos, é como uma ferramenta adicional para a memória permitindo lembrar o que já foi vivido, das experiências, de diversos momentos, revitalizando a memória.

A partir do momento que recuperamos a memória e a transformamos em história estamos produzindo conhecimento e aprendendo sobre outras pessoas, modos de vida. Abordaremos as memórias dos velhos de Campinhos para resgatar suas lembranças e proporcionar um conhecimento sobre a povoação. Segundo Bosi,

Há sempre uma casa privilegiada que podemos descrever bem, em geral a casa da infância ou a primeira casa dos recém-casados onde começou uma nova vida. Alguns detalhes chamam a atenção: o número de janelas que dão para frente, as ruas eram gostosas de ver, nem havia a preocupação de isolamento, como hoje, em que altos muros mantêm a privacidade e escondem a fachada. Então, janelas que dão para a rua são encarecidas e, naturalmente, o quintal para a criança e o porão (1996. p. 436).

Os detalhes são responsáveis para que possamos recuperar as recordações, eles nos ajudam a identificar melhor as lembranças.

1.1 “Trago ainda na lembrança”: Memórias de Edésio Lima

Trataremos das recordações de Edésio Lima, natural do povoado Campinhos, Pariconha, Alagoas. Nascido no dia 17 de janeiro de 1948, veio de uma família humilde. Seus pais foram Belmiro e Isaura da família de Salú. Edésio Lima conviveu com sete irmãos e as suas relações eram harmoniosas, apesar de ser um ambiente pobre e as dificuldades serem pertinentes naquele tempo, não interferia na vida de amor entre seus pais e seus irmãos. Estes foram primordiais para sua educação. Edésio relata que naquele tempo o trabalho era no roçado, e que muitas eram as dificuldades das pessoas que moravam em Campinhos e viviam desse meio:

Apesar de que era uma pessoa sofredora, faltava uma coisa faltava outra, a gente trabalhava na roça; mais meus pais nunca mandou a gente fazer nada obrigado, sempre diziam e ensinavam, eram analfabetos, não sabiam ler, mais tinham uma vida pratica exemplar, com os filhos, ensinavam sempre a gente a respeitar uns aos outros sobre tudo as pessoas mais velhas, e sempre insistiam que nunca pegue nas coisas alheias, ai através do modo deles ensinar, a gente cresceu graças a Deus, nunca fizemos vergonha aos nossos pais, sempre a gente procurava fazer a vontade deles, e assim sucessivamente (LIMA, 2018).

É possível perceber como a memória da família reflete na vida das pessoas. Edésio Lima tem uma boa recordação dos seus pais. Vemos como a família é importante nesse processo de reconstrução do passado, pois através dos pais, avós, tios, se pode ter uma noção do que foi o passado e isso vai refletir na vida das próximas gerações.

As histórias de famílias passam de geração para geração, isso é muito importante por ser uma maneira de não perder as raízes que foram construídas por seus familiares, o diálogo das memórias com seus parentes é muito valioso, pois é uma maneira de retomar o passado, transmitindo para seus familiares. Segundo Barros, a importância do “grupo familiar como

referencia fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas” (1989, p. 34). A família é essencial para que o indivíduo adquira lembranças do passado e seja participante das memórias atuais.

Existem fatores que são importantes para a formação de uma família, o afeto tem uma importância maior nesse processo, porque vai ser o principal formador da personalidade de um indivíduo, isso é considerável para a sociedade; outro aspecto importante é a religião como algo que esta enraizada nas famílias.

Na família de Édesio Lima a religião católica era muito importante, seus pais ensinaram a fé católica e isso refletiu na sua pessoa. Hoje ele é ministro extraordinário da eucaristia e serve à Igreja. Conforme Édesio Lima, a sua religiosidade é reflexo das missões de frei Damião que seus pais frequentavam e o levavam quando criança:

Meus pais me levavam pra missão de frei Damião em Pariconha, sempre costumavam ter umas missões religiosas, os missionários vinham para Pariconha, porque aqui, não tinha missa, às vezes tinha de ano em ano, celebravam das missas festivas; aí acontece que com aquilo me despertou uma vontade muito grande eu ser um frade, e ouvir palavra de Deus no mesmo tempo anunciar, mais tudo eram atrasados (LIMA, 2018).

Nas memórias de Édesio Lima, a sua infância foi bastante complicada, pois desde pequeno já lutava com doenças e com a vida difícil que marcava a época, o que lhe trazia muita tristeza. As marcas do sofrimento não deixaram que ele desanimasse e o levaram a acreditar que todo sofrimento estava atrelado a um santo:

Eu entre os setes filhos dos meus pais, da minha mãe, fui um dos mais sofredor, porque desde Criança eu sentia problema, e até minha vida tem uma coisa que eu acho que cumpriu Como se fosse uma profecia, que quando eu era criança comecei a sentir problema no Pé, jogava bola, depois deixei de jogar bola quando criancinha, aí então minha mãe Dizia: Isso é bola meu filho, mais na verdade não era, era problema parece de Reumatismo, que a nossa família, já tinha esses problemas, então eu dizia a eles assim: Olha meu pai, e minha mãe, eu tô sofrendo porque não botaram em mim o nome de um Santo, dizia isso para eles, não sei de onde veio essa ideia (LIMA, 2018).

As lembranças que possuímos dos fatos que ocorreram em nossas vidas é chamado de memória coletiva, pois é tudo aquilo que vivenciamos, por mais que seja apenas o indivíduo aquilo que nos rodeia, objetos, fotos, um quadro, vai ter uma participação nas nossas memórias, por isso, não é uma memória individual. Como afirma Halbwachs “Mesmo que se trate de acontecimentos que só nos estivermos envolvidos, e com objetos que só nos vimos. É porque na realidade nunca estivemos sós” (1968, p. 26).

Em vista disso, as memórias de Édésio como a de todos os indivíduos tem uma participação coletiva, seja de amigos, da família, de determinado ambiente e são primordiais para que essas memórias sejam construídas.

Halbwachs (1990), fala sobre memória coletiva e memória individual e destaca que as duas memórias são distintas. Para ele, a memória coletiva supre a memória individual, dessa forma, mesmo que o indivíduo esteja só em determinado momento, os aspectos da situação que a pessoa esteja vai definir suas memórias naquela ocasião.

Foto 1: Edésio Lima com dezoito anos de idade.



Foto: autor desconhecido.

Mesmo com toda a dificuldade que viveu Édésio Lima sempre estudou e também aprendeu a fazer poesias com seu pai. Suas poesias sempre são voltadas para a infância e para a sua vida, relatando acontecimentos vivenciados, sejam na infância ou na vida adulta. Édésio Lima também compõe músicas para a igreja. Apresentaremos uma poesia que escreveu sobre sua infância:

Conheci uma criança, Trago ainda na lembrança quando se pai lhe levava pra ouvir a pregação do Padre frei Damião nela ele se inspirava, ouvindo a palavra de Deus surgiu um desejo seu de ser um dia um pregador pra ir com muita coragem anunciar a mensagem de Jesus nosso senhor, na infantilidade despertou a vontade de seguir esse caminho, o menino sertanejo era o seu

maior desejo de ser um frei cappuccino, mais o pior aconteceu aos doze anos adoeceu num pode caminhar, passou mais de dois meses doente em uma rede sem pude se levantar, depois que passou uns dias fez duas cirurgias tudo era sofrimento, mais nunca se maldizia porque a fé que trazia era em Deus seu alimento, os seus pais lhe abraçavam com muito amor cuidavam, mais ele dizia assim: Eu estou sofrendo tanto porque o nome de um santo não puseram em mim, os meninos do lugar só para lhe aperrear chamava de santo Désio ele nunca se irritou dizia com muito amor por todos vocês eu rezo, outros chamavam compadre crianças e rapazes e as mulheres também, cumpriu essa profecia compadre comadre hoje em dia ele possui mais de cem, o seu nome é Edésio o dia de santo Edésio ele descobriu é oito de abril, hoje é um legionário, ministro extraordinário assim tudo se cumpriu (LIMA, 2018).

Percebemos nas falas de Edésio Lima quais eram as dificuldades que existiam naquele tempo no sertão de Alagoas. O trabalho no campo desde cedo era a única opção na região e o estudo era deixado de lado para garantir o sustento da família. As pessoas que viviam na região nordestina tinham o roçado como meio de trabalho e toda a família devia trabalhar para ajudar em casa.

Como aponta Andrade, “Com a chegada do “inverno”, o período chuvoso, o chefe de família, ajudado pela mulher e pelos filhos, fazia a semeadura” (1922, p. 196). Vemos que a ajuda dos filhos era indispensável durante os períodos climáticos do sertão. Em Campinhos essa atividade também era praticada. Segundo relatos de pessoas da comunidade, os pais diziam que estudar não tinha futuro e que deveriam trabalhar para ajudar a família.

Várias pessoas que viveram na época fazem esse mesmo relato de uma vida sofrida, pois tinham vontade de estudar, mas os pais e as dificuldades da região não lhes permitiam, o único prazer que lhes eram cabíveis era o trabalho do roçado.

1.2 “Jovem de espírito”: Lembranças de Maria Carmélia

Resgatar a memória de velhos é um trabalho importante, as suas recordações nos levam a um passado no qual não estivemos, mas imaginamos como eram determinadas situações. É uma viagem por um tempo desconhecido por nós, que só podemos alcançar através dessas pessoas. Por isso, é importante buscar essas lembranças, a fim de que não se percam, seja pelo tempo, por uma doença, ou por esquecimento dos guardiões. A memória molda o ser humano, tendo a função de ligação entre o tempo e o eu. Essa ligação permite

resgatar as recordações, usarmos como fontes, compartilhar de geração a geração. Candau afirma:

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais. Sua identidade desaparece. Não produz mais que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si (2014, p. 60).

A memória traz um conhecimento de quem somos e em que tempo estamos, possibilitando entender o espaço que vivemos, sem ela somos incapazes de praticar quaisquer atividades, é como se o indivíduo não existisse e apenas ocupa-se do espaço que habita. Por isso, é necessário buscar as memórias, principalmente das pessoas mais idosas que guardam tantas coisas do passado, podemos esboçar suas memórias e criar histórias.

Assim acontece com a história de Campinhos, são os mais velhos que nos permitem saber como foi a construção da identidade do lugar, podendo compartilhar também as suas histórias e recordações. São eles os responsáveis por lembrar como era Campinhos no passado.

Candau (2014) aponta as transformações que ocorreram nas memórias com o passar do tempo, dizendo que essas transformações não estariam ligadas ao desaparecimento da memória, mas sim as suas modificações:

De fato, não é tanto o desaparecimento dos meios de memória que seria importante falar, mas de sua transformação: enquanto durante muito tempo certos membros da sociedade (o ancestral, o chefe, o antigo combatente) eram reconhecidos como os únicos portadores legítimos da memória e identidade coletiva, hoje essa situação se modifica, e esses sujeitos perderam seu monopólio (CANDAU, 2014, p. 194).

No passado, apenas aqueles que tinham um poder maior na sociedade exerciam o poder de falar sobre a memória, os acontecimentos que ocorreram em determinados momentos. Aqueles que não estavam nessa classe, não tinham tanta autonomia assim, isso muda ao longo do tempo, não importando a classe social, o buscar da memória era o que realmente importava e mudava também o curso da historiografia.

Foto 2: Maria Carmélia da Silva Santos.



Foto: autor desconhecido.

Outra fonte sobre Campinhos e residente no mesmo povoado é Maria Carmélia da Silva Santos, de 81 anos. É idosa, porém se considera jovem de espírito. Ela preferiu escrever toda a entrevista à mão, pois temia não se lembrar de alguns detalhes. Apesar da sua idade avançada, seu conhecimento e sua mente geram admiração para quem a conhece. Também foi professora:

Comecei a alfabetizar aqui em minha casa a noite com candeeiros a querosene e velas acesas. Porque na época não existia energia elétrica. Quando chegou a energia fui ensinar no grupo. Era pra ensinar as pessoas de 18 a 50 anos de idade, eu comecei a ensinar cada aluno segurando o lápis, e eu segurando na mão de cada um para fazer a letra A, a primeira letra do alfabeto ate chegar as 23 letras, e os alunos sem conhecer nenhuma letra, e eu com o maior esforço e interesses por eles, ensinei as letras de uma por uma até eles aprenderem e conhecerem (SANTOS, 2019).

A alfabetização naquela época era bastante complicada e os recursos de ensino também eram difíceis, mesmo assim, Maria Carmélia enfrentou todas as adversidades e conseguiu alfabetizar algumas pessoas da sua comunidade e de outros lugares vizinhos. Seu trabalho teve o reconhecimento das autoridades do município, alcançando um emprego de professora com carteira assinada.

E quando foi no final de ano, eu fretei uma D20 e levei os alunos todos alfabetizados para a cidade de Água Branca, para todos se apresentarem no

cartório eleitoral, para tirar o título de eleitor, assinando o nome, a data de nascimento e o nome dos pais; porque na época iria haver eleição, e eles poderiam votar para ser cidadãos brasileiros. Quando o prefeito da cidade de Água Branca soube que eu havia alfabetizado aqueles alunos, o prefeito sentiu muito orgulho pelo meu esforço, e interesse por aquelas pessoas analfabetas; então o prefeito me chamou atenção e me convidou para eu ser professora (SANTOS, 2019).

A sua infância teve momentos bons e complicados. Relata que sempre era muito amada por seus pais, estes lhes ensinaram a doutrina cristã como também matricularam na escola para aprender a ler e escrever. Assim como Édésio Lima, a infância de Maria Carmelia também enfrentou algumas dificuldades levando-a sofrer muito nova. Como aborda:

Todos os domingos, eu ficava em casa cuidando de tudo, fazendo o almoço para meus pais, e também para seus amigos que eles tinham que eram de mata Grande, e eles vinham vender, fumo na feira de Pariconha, traziam uma banda de carneiro para cozinhar para eles almoçar, e quem cortava e colocava na panela para levar ao fogo era eu, porque meus pais tinham um mercado lá na rua, e aos domingos eles iam vender, e só chegavam á noite. E eu ficava para cuidar; e ainda moía no moinho 4 quilos de milho para fazer o cuscuz, porque os homens gostavam de comer o carneiro com cuscuz de milho, eu sofria demais e isso era todos os domingos, e eu ainda bem pequena só tinha 10 anos (SANTOS, 2019).

Foto 3: Maria Carmélia na sua primeira comunhão.



Foto: autor desconhecido.

Maria Carmélia casou-se cedo, aos dezesseis anos de idade com Genu, um jovem de Campinhos. Desde então parou de alfabetizar, somente depois de alguns anos voltou a prática do ensino. Hoje é professora aposentada e muito respeitada pela comunidade de Campinhos. Continua escrevendo cartas e memórias.

Foto 4: Maria Carmelia e seu esposo Genú.



Foto: autor desconhecido.

Percebemos que trabalhar com a memória dos velhos nos permite apreender suas histórias e relembrar suas memórias. Podemos comparar suas épocas com a nossa realidade e ter noção de como eram as vivências passadas. Algumas pessoas esqueceram-se dos velhos e não atentam para suas memórias. Este texto foi construído com as memórias de dois idosos do povoado Campinhos.

2 Atrasado, rural e sem cultura, seria este o sertão?

Nesse tópico iremos tratar de algumas visões sobre o sertão do Nordeste, abordando as problemáticas da região sob os olhares de Freyre (1937), Andrade (2011), Cunha (2010), Almeida (2018). Em seguida, falaremos da formação do povoado Campinhos, seus fundadores e outros aspectos de sua história.

O sertão no início do século XX era visto como uma região pobre, atrasada, de um povo incivilizado, formado por negros e mestiços sem cultura. Dessa maneira, o sertão era definido por intelectuais da época, uma região que não era desenvolvida. Por isso, acreditavam que o país não se desenvolveria.

A região era marcada por diversos fatores como a seca. O clima era o que definia o sertão. Tinha-se uma visão distorcida da região, com os fatores climáticos relacionados à “definição de região”. Esses fatores climáticos, segundo intelectuais, estariam relacionados ao cangaço e o messianismo. Tinha-se uma noção negativa da região nordestina.

Alguns estudiosos afirmam que existe uma diferença entre o nordestino do litoral e o do sertão. Ambos são da mesma região, porém os traços de originalidade de cada um são diferentes. Para Freyre, o outro Nordeste seria uma região “próspera”, um Nordeste com água em abundância, terras boas, do engenho, das mulatas e caboclas e o Nordeste da primeira fábrica de açúcar. A visão de Freyre sobre o sertão seria o contrário desse outro Nordeste, seria uma região de homens e animais, como aponta:

Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol. Mais esse Nordeste de figura de homem de bichos se alongando quase em figuras El Grego é apenas um lado do Nordeste, outro Nordeste (FREYRE, 1987. p. 45).

Sertanejo, homem sofredor, trabalhador da roça embaixo de um sol quente para sobreviver, homem rude, capaz de enfrentar qualquer situação, “O sertanejo é antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2010. p.115). Mesmo com os problemas que assolam as suas vidas e a região, o sertanejo é um homem batalhador que busca melhorias para sua vida, tendo que deixar a região e buscar por melhorias de vida no Sul.

Embora a seca tenha marcado o sertão, ela não definia o Nordeste como um todo e muito menos o seu povo, como afirma Albuquerque Júnior, “Não são mais os fatores naturais

que definem que dão identidade, que estão na origem da região” (2011, p. 90). Não são esses fatores que definem a região sertaneja, uma definição de um Nordeste maltratado pelo tempo, de um povo pobre mestiço, rural, incapaz de evoluir e sem cultura.

Mesmo com a diferenciação entre Nordeste e sertão, a visão que se tem do Nordeste é geral. Ou seja, de um território atrasado e rural, por mais que o litoral nordestino tenha uma importância para o Brasil, não foi o suficiente para que a região fosse vista de tal modo, mesmo com todas as visões contrárias. Ainda sobre as ideias que se tinham da localidade, a região Nordeste sofria com várias questões entre elas, o mercado de trabalho e a educação.

A visão sobre o sertão vai ser de uma região seca, do homem valente que luta com o clima, com a fome, com a escassez de água, pela sobrevivência. Enquanto o litoral vai ser uma região onde as dificuldades são amenizadas, também por motivos climáticos e pela facilidade de acesso a esse território. Exemplo disso, no período em que os portugueses chegaram ao Brasil foi pela região litoral do Nordeste. Essa localidade se tornou mais avançada que o sertão no sentido que Freyre aborda esse outro Nordeste.

2.1 Caracterização do sertão alagoano

Sertão para Almeida (2018), é uma região agreste, afastada do litoral, encoberta de matos, um lugar marcado por miséria, fome e seca, a vida difícil do sertanejo, tendo que sobreviver em meio ao sol quente, a pobreza se torna uma fator predominante, e diante disso várias são as representatividades do sertão, através de imagens, de textos, etc. Esse cenário vai atribuir um imaginário de uma região abandonada.

Desse modo algumas dessas representatividades estão associadas a pintores famosos no qual retratam a região sertaneja, como Candido Portinari (**Os retirantes**) e Tarsila do Amaral, (**Abaporu**). Essas imagens refletem como o sertão é visto e acaba criando nas pessoas a imagem de que a região é realmente um lugar de seca e pobreza. Assim, aborda Almeida (2018):

Deram texto e imagens a região nordeste como um todo, se tornaram grandes emissores de signos como: cacto, morte, miséria, seca, cangaceiro, pau-de-arara, estereótipos criados pelos discursos e imagens dando uma visibilidade a uma paisagem que direciona comportamentos e atitudes em relação ao sertanejo, inclusive o olhar e a fala da mídia (ALMEIDA, 2018.p. 29).

Esse olhar sobre o sertão, de suas secas árduas, possibilitou à região verbas, no qual seria justamente para combater a fome e miséria que se acentuavam fortemente, logo, isso foi como um gatilho para os poderosos, que viram nessas verbas uma forma de lucratividade. Logo surgiram os movimentos que enfrentavam a falha dos poderes públicos em relação às secas, buscando uma solução para esses problemas. O cangaço teve sua representatividade nesse cenário, procuravam fazer justiça que não existia na região, tentando amenizar a dor de um lugar esquecido.

O sertão alagoano apesar de estar associado à seca e miséria, passou por várias transformações ao longo do tempo; as regiões de Pariconha, Delmiro Gouveia, Piranhas e Olho D'água do Casado, passaram por esse processo, com a Usina Hidrelétrica de Xingó, a construção do canal do Sertão e o turismo. Devido ao Rio São Francisco ser próxima dessas localidades isso gerou emprego para as populações dessa região.

Próximo à Pariconha, Delmiro Gouveia foi o pioneiro na chamada civilização do sertão. Delmiro implantou indústrias na região sertaneja de Alagoas indústrias, que foi fundamental para o progresso de uma região marcada por diversos fatores positivos e negativos. Segundo Almeida, “Delmiro Gouveia atingiu dimensões nacionais de fama, ficou conhecido por alguns como implantador da civilização entre as populações sertanejas, pois ele permitiu o desenvolvimento industrial em uma época e lugar” (2018.p.46).

Delmiro Gouveia, além de implantar na região sertaneja a indústria têxtil, possibilitou a construção de angiquinho, uma usina hidroelétrica que garantiu a população energia elétrica; além disso, foi atribuído conhecimento para os sertanejos, como escolas, cinema, telefone. A Fábrica da Pedra foi de tamanha importância para a região, gerou empregos e renda para os habitantes, o que tornou a região em primeira vila operária do sertão. “A vila dispunha de água encanada, energia elétrica, telégrafo, telefone, capela, cinema, lavanderias, fábrica de gelo, grandes armazéns de depósitos e escolas para as crianças e adultos” (ALMEIDA, 2018, p. 115). Desse modo o sertão começou a evoluir, trazendo para o sertanejo uma possibilidade de uma vida melhor.

Com esse progresso em uma região não industrializada, para o sertanejo tudo era curiosidade. No depoimento, Edésio Lima disse que quando viram um carro pela primeira vez, às pessoas se esconderam com medo, portanto nota-se como esse progresso causou impacto nas pessoas.

Desse modo, esse progresso trouxe para a região muitos benefícios, hoje o sertão alagoano vem se desenvolvendo cada vez mais, o turismo se tornou um ponto muito marcante na região devido ao Rio São Francisco e segue evoluindo. O que antes era marcado por

cenário de miséria e muitas dificuldades, hoje é um cenário de evolução. Porém, isso não confirma que a região não sofra com mazelas, esquecida por poderes públicos.

2.2 História e cultura no povoado Campinhos

O povoado Campinhos está localizado no município de Pariconha, Alagoas. O município possui aproximadamente 10.533 habitantes e uma área territorial de 254.719 Km², conforme os dados do IBGE de 2018 a 2019.¹

Foto 5: Povoado Campinhos – 2015.



Foto: Heloisa Mello.²

Escrever sobre a memória de um lugar é muito importante, isso porque estamos não só guardando a memória como também a sua identidade e valorizando as pessoas que vivem na comunidade. Assim, conseguimos transmitir para outras gerações como era a região em determinado tempo. Para construirmos a história de uma comunidade, as entrevistas são fontes necessárias para essa elaboração, as pessoas que entrevistamos foram os alicerces para

¹ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/pariconha.html>>. Acesso em 31/01/2020.

² Disponível em:

<<https://www.facebook.com/CapinhosAlagoas/photos/a.487987987914071/962232707156261/?type=1&theater>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

comprendermos que a memória é guardiã das lembranças e servem na construção dessa história.

A história de uma comunidade não é fechada nem linear, muito menos única. O que temos são vestígios de um tempo que passou e que continua presente a partir das memórias vivas acessadas por meio de entrevistas e boas conversas (PIRES; PEREIRA, 2014, p. 129).

As memórias da comunidade ainda continuam vivas em cada pessoa que habita na localidade, podemos acessá-las e com base nessas lembranças construir a história. A comunidade de Campinhos não tem a sua história documentada, logo foram feitas entrevistas com algumas pessoas da comunidade para entender como ela se originou. Usamos a oralidade para buscar essas memórias sobre o povoado.

A história oral é um recurso moderno que permite ao entrevistador usar recursos eletrônicos para fazer a sua pesquisa, “Contudo, esses registros podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memórias coletivas” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 18). As entrevistas foram realizadas oralmente e com o auxílio de um gravador de voz.

Por volta do século XIX chegaram à região de Campinhos, ainda desabitada, João Alves, Vicente, seu cunhado, e o filho chamado Antoninho. Esses foram os primeiros habitantes de Campinhos que logo construíram suas casas e formaram suas famílias. Foram construídas três casas, uma delas ainda se encontra intacta na comunidade.

Foto 6: Primeira casa do povoado Campinhos.



Foto: Heloisa Mello.

Foi através das três primeiras casas que se originou o nome de Campinhos, alguns outros significados foram dados a origem do nome da comunidade. Alguns dizem que a origem do nome veio de um campo de futebol que existiu na região, é a origem menos aceita pelas pessoas da comunidade. A versão contada, em especial os mais velhos, é diferente dessa devido a naquele tempo existirem muitos animais silvestres. As três pessoas que habitavam a região fizeram um campinho na frente de suas casas, mais conhecido no sertão como terreiro, ou seja, tiravam o mato de frente das suas casas e deixavam limpo:

Então eles também conforme fizeram as casas, em cada casa, eles fizeram um campinho, aquele limpo em volta de casa que chamamos terreiro, eles diziam que era campinho, três casas, três campinho, pra evitar os animais silvestres se aproximar da casa porque naquele tempo era muito comum (LIMA, 2018).

Esses habitantes começaram a criar animais como cabra, quando esses animais fugiam, eles pensavam “já sei, está nos Campinhos”. O povoado foi evoluindo e começaram a migrar para a região mais pessoas, então a região ficou conhecida como povoado Campinhos, sendo atualmente o maior povoado de Pariconha.

As principais atividades do povo sertanejo eram agricultura e pecuária. Em Campinhos, com a chegada dos novos habitantes a região que não tinha nada além de mato, a principal atividade econômica entre deles foi a plantação de mandioca e feijão. As pessoas “trabalhavam na agricultura, agora que a agricultura na época pra se plantar na roça eles tinham que cercar fazia um valado e cercava com macambira vermelha, pra evitar os animais que estavam soltos entrar na roça” (LIMA, 2018). Atualmente essa atividade ainda é comum, porém menor, algumas pessoas saem do povoado em busca de melhorias de vida e se afastam de suas famílias.

2.3 Manifestações culturais do povoado

Como todos os lugares possuem sua identidade e cultura, o povoado Campinhos é marcado pela religião. Todos os anos acontecem às festividades ligadas a Igreja Católica, como a festa da padroeira Nossa Senhora das Dores. Uma vez por ano acontece a festa da padroeira, que é a principal comemoração. São realizadas as festividades de São Pedro e São

Paulo uma vez por ano. Comemoram essas duas festas com novenas, missas, procissão, além das festas de rua com bandas e parque de diversão.

O São João também é comemorado e as trezenas de Santo Antônio são tradicionais. São realizadas as festas na igreja, como também as festas de rua como quadrilhas e bandas. Estas festividades eram celebradas com mais fervor, com quermesses, atualmente não é tão celebrada assim, mais ainda são realizadas.

As novenas realizadas na festa da padroeira possuem uma temática, todas as noites de novena pertencem a uma família da comunidade e movimentos da Igreja, a exemplo, a família Cassimiro e o Apostolado da Oração possuem uma noite de novena. Estes contribuem com a noite e ficam responsáveis pelos fogos de artifícios, zabumbeiros e despesas da noite. Assim acontece com as demais famílias e movimentos.

As duas festividades são realizadas nas datas mostradas abaixo:

Festa de Nossa Senhora das Dores	Festa de São Pedro
29 de agosto – início	26 de junho - início
08 de setembro – encerramento	29 de junho - encerramento

Foto 7: Andor da festividade Nossa Senhora das Dores – 2015.



Junto a estas solenidades é realizada também a festa do vaqueiro. Em 2019 foi realizada a 29ª festa do vaqueiro do povoado Campinhos. A festa é uma tradição do povoado, todo ano os vaqueiros se reúnem para fazer a comemoração. O festejo se inicia com a procissão dos vaqueiros até o povoado Tanque (vizinho a Campinhos), em seguida o padre abençoa os vaqueiros que se reúnem em frente à igreja, depois a festa continua com atrações de bandas musicais, animando os vaqueiros e demais pessoas que participam da festa.

Foto 8: Vaqueiros reunidos em frente à igreja no povoado Campinhos.³



A igreja original do povoado passou por reformas essenciais, pois a comunidade foi crescendo e a necessidade de uma igreja maior foi cogitada. A primeira capela foi construída por João Alves que era devoto de Nossa Senhora das Dores. A santa foi introduzida como padroeira da comunidade como é até os dias atuais.

Cassimiro Alves, filho de João Alves, junto com a comunidade ampliou a capela datada de 1925, sendo responsável também pela segunda reforma da capela. Em 1948, foi colocado o primeiro cruzeiro. Quando o cruzeiro foi colocado em frente à igreja, era comum as pessoas ficarem andando em volta dele, conversando ou paquerando. Alguns casamentos foram fruto do cruzeiro.

³ Disponível em: <<https://correionoticia.com.br/noticia/cultura/multidao-participa-da-tradicional-missa-do-vaqueiro-do-povoado-campinhos-em-pariconha/43/17810>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

No ano de 1962, o sino da igreja teve uma rachadura, então Zé de Né, neto de Cassimiro Alves, foi até Recife para a compra de um sino novo para o qual foi construída uma torre nova.

Em 1986, a capela passou por reformas novamente. Isaura de Vitorino, filha de Cassimiro Alves, junto com a comunidade ampliou a igreja pela terceira vez. Finalmente, Roberto Gomes ampliou a capela pela quarta vez, deixando visível a parede do lado poente da primeira igreja.

A primeira missa no povoado foi realizada pelo sacerdote Cícero, filho do barão de Água Branca. Era pároco em Água Branca. Em 1997, Rosalvo Lima, tocador da igreja, convidou o padre Rosevaldo para celebrar a missa do centenário de Campinhos.

Foto 9: terceira reforma da capela



Autor não identificado.⁴

⁴Disponível em:
<<https://www.facebook.com/CapinhosAlagoas/photos/a.948947651818100/2549023451810504/?type=3&theater>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

Foto 10: Quarta reforma da capela atual



Autor não identificado.⁵

Foto 11: Igreja atual por dentro



Autor não identificado.⁶

⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/CapinhosAlagoas/photos/a.487982754581261/1402138676498993/?type=1&theater>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

Além da Igreja Católica, a comunidade também possui duas igrejas evangélicas: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus.

Mesmo com as festividades realizadas na comunidade, a população também celebra os dias da Semana Santa. Todos os anos no período dessa semana, as pessoas da comunidade se reúnem para fazer reuniões ao ar livre e dividido por grupos.

Como de costume, as mulheres se reúnem na casa de Eurides da Silva Lima Santos com momentos de reflexão e partilha da palavra da Bíblia entre mulheres. Os homens se reúnem no umbuzeiro de Américo Teixeira Lima com a mesma atividade. Às sextas-feiras todos se reúnem para ir a um monte chamado Serrotão todas as manhãs para a Via Sacra. Esses atos são um costume da comunidade e realizados todos os anos.

Foto 12: Homens reunidos no Umbuzeiro



Autor não identificado.⁷

⁶Disponível em:

<<https://www.facebook.com/CapinhosAlagoas/photos/a.489409514438585/1518814838164709/?type=3&theater>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

⁷ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/CapinhosAlagoas/photos/a.511110352268501/511111365601733/?type=3&theater>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

Foto 13: Reunião das mulheres na frente da casa de Eurides.



Autor não identificado.⁸

Esse costume é o mais antigo na comunidade. Começou a se fazer a reunião no umbuzeiro através dos homens, as mulheres eram em pouca quantidade que participavam, logo depois, elas começaram a criar as suas reuniões também no mesmo dia. Eram realizadas na casa de Sabina, com o tempo começaram a ser feitas na casa de Eurides.

No Sábado de Aleluia é costume na comunidade todos se reunirem para a Procissão de Velas. Todos da comunidade andam pelas ruas com velas, essa procissão era realizada às quatro horas da manhã, atualmente é realizada após a missa de vigília de Páscoa.

As comemorações de Natal também são uma cultura do povoado, que se desenvolveram com a construção de lapinhas na igreja, ou em casas particulares. Ocorrem também as novenas de Natal realizadas por grupos rezando nas casas das pessoas. Campinhos dispõe de muitas manifestações culturais, é um povoado que cresce cheio de movimento.

⁸ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/CapinhosAlagoas/photos/a.489409514438585/1711387992240725/?type=3&theater>>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

3 Considerações finais

Trabalhar com a história oral permite ao pesquisador ter um contato com sua fonte, fazer perguntas, ter proximidade com os entrevistados e oportunidade de construir histórias. Falar sobre a memória dos velhos da comunidade foi muito satisfatório, ouvir suas histórias de vida, seus momentos em família deu espaço para que estes pudessem conversar, falar sobre suas vidas. As memórias são muito importantes porque permitem acesso ao passado. São a fonte da essência da cultura, porém compreendemos que muitas vezes são ignorados e suas essências acabam no esquecimento.

Todos os entrevistados foram importantes para que houvesse a construção desse trabalho, permitindo conhecer suas histórias, modos de vida; como observamos nas histórias de Edésio Lima e Maria Carmélia. Dar voz aos mais velhos é fundamental, pois estes são os protetores de muitas histórias. Seria considerável que as pessoas pudessem ter uma visão sobre os velhos e apreciar suas histórias.

Abordar sobre o sertão foi relevante já que estamos discutindo um povoado que este inserido nessa região. Sobre o sertão e sua imagem, é abordada como uma região atrasada e incivilizada, esta concepção é atribuída a região como um todo, porém existem dissociações entre nordeste e sertão e isso muda todo cenário.

Foi discutido o sertão e seus impactos. Uma região marcada pela seca e pela miséria, como sua representatividade é retratada de um modo negativo; a abordagem do cacto, morte e pobreza são representações a sobre a região. O sertão alagoano teve progressos, sendo Pariconha, Piranhas, Delmiro Gouveia e Olho D'Água do Casado. Localidades beneficiadas com o rio São Francisco e com a Hidroelétrica de Xingó. No entanto, tratamos sobre Delmiro Gouveia e como este trouxe para o sertão múltiplos benefícios, entre eles a Fábrica da Pedra, a Usina Hidroelétrica de Angiquinho e trabalho para o sertanejo. Essa região sertaneja passou a ser conhecida como civilizada diante de todos esses atributos que Delmiro Gouveia encaminhou para a região.

Trabalhar com a história do povoado Campinhos não foi uma tarefa fácil, pois abordar a história de um lugar é um compromisso que não se tem apenas com o trabalho, mas também com as pessoas que moram na comunidade. Trazer as memórias do que já vivenciaram no povoado, torná-las importante, pois alguns momentos são marcantes para as pessoas.

Compreendemos que não há registros sobre a história do povoado e fomos entrevistar as pessoas para então ser possível entender como o povoado se originou, seus primeiros habitantes e sua cultura. Utilizamos fonte oral para que pudéssemos progredir com esse trabalho. A entrevista foi o momento mais importante do trabalho, através das falas entre uma conversa e outra foi possível percebermos como as pessoas gostam de lembrar o passado e como riem de situações que já passaram e, muitas vezes, choram por pessoas que já partiram. A história oral nos possibilita essa sensação de emoções entre os entrevistados.

Através das entrevistas conhecemos a história do povoado Campinhos, como cada família se habituou ao lugar, o patrimônio que estes deixaram para a comunidade como a igreja Nossa Senhora das Dores. A capela passou por quatro transformações, sendo a quarta, a última. Essa cultura manifestada através da igreja está relacionada às festividades no povoado, que ocorrem todos os anos, como São Pedro e São Paulo, Festa de Vaqueiro e a principal festividade de Nossa Senhora das Dores. As procissões dessas festividades ocorrem todos os anos, passam nas ruas com as imagens dos santos, o mesmo ocorre na festa dos vaqueiros.

Acontece também às celebrações da Semana Santa, uma tradição da comunidade, essa tradição é feita desde os primeiros habitantes até os dias atuais. A comunidade de Campinhos preservou as tradições antigas dos seus antepassados. Compreendemos a importância de manter essas tradições como uma identidade do povoado.

Concluimos acreditando ter contribuído para de preservar a memória e a história de Campinhos para as próximas.

Referências

- ALMEIDA, Adriana Valença de. **Paisagens do sertão alagoano: representações da cultura através da iconografia**. Maceió: UFAL, 2018. (Mestrado em Geografia)
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARAÚJO, Tarcisio Patricio de; SOUZA, Aldemir do Vale; LIMA, Roberto Alves de. Nordeste: economia e mercado de trabalho. **Estudos Avançados**. vol. 11, no. 29, São Paulo, Jan./Apr. 1997.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277>>. Acesso em: 30 Jul. 2020.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 2003.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Contexto. 2014.
- DANTAS, E. W. C. **Imaginário social nordestino e políticas de desenvolvimento do turismo no Nordeste brasileiro**, GEOUSP – Espaço e tempo – 2007.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil** – 2004.
- Grande Enciclopédia **Larousse Cultural**. Editora Nova Cultural – 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Revista dos tribunais LTDA, 1990.
- MEIHY, HOLANDA. **História oral- como fazer como pensar**. Contexto.2007.
- NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. **Projeto história**. 1993.
- PINTO, Julio. **Os muitos tempos da memória** –1998.
- PIRES e PEREIRA, **Construindo a história dos bairros: um diálogo entre memória e educação** – 2014.

Entrevistas

LIMA, Édesio. [70 anos]. [novembro 2018]. Heloisa da Silva Mello. Campinhos, Pariconha, AL. 06 de novembro de 2018.

SANTOS, Maria Carmelia da silva. [81 anos]. [julho 2019]. Heloisa da Silva Mello. Campinhos, Pariconha, AL. 10 de julho de 2019.

ANEXOS